

**Histórias de violência na infância na perspectiva de adolescentes grávidas\****History of childhood violence in the perspective of pregnant adolescents**Historias de violencia en la infancia en la perspectiva de adolescentes embarazadas*Rosana Santos Mota<sup>1</sup>, Nadirlene Pereira Gomes<sup>2</sup>, Adriana Diniz Rodrigues<sup>3</sup>,  
Climene Laura de Camargo<sup>4</sup>, Telmara Menezes Couto<sup>5</sup>, Normélia Maria Freire Diniz<sup>6</sup>

\* Estudo extraído da Dissertação de Mestrado intitulado "História oral de adolescentes grávidas em situação de violência doméstica", defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

<sup>1</sup> Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Enfermeira assistencial da Maternidade Tysila Balbino. Salvador, BA, Brasil. E-mail: [rosana17santos@yahoo.com.br](mailto:rosana17santos@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, BA, Brasil. E-mail: [nadirlenegome@hotmail.com](mailto:nadirlenegome@hotmail.com).

<sup>3</sup> Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Discente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, nível Doutorado, da UFBA. Salvador, BA, Brasil. E-mail: [a.dini@ig.com.br](mailto:a.dini@ig.com.br).

<sup>4</sup> Enfermeira, Doutora em Saúde Pública. Professor Associado da UFBA. Salvador, BA, Brasil. E-mail: [camargo@ufba.br](mailto:camargo@ufba.br).

<sup>5</sup> Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto da UFBA. Salvador, BA, Brasil. E-mail: [telmaracouto@gmail.com](mailto:telmaracouto@gmail.com).

<sup>6</sup> Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto da UFBA. Salvador, BA, Brasil. E-mail: [normelia@lognet.com.br](mailto:normelia@lognet.com.br).

**RESUMO**

O estudo teve como objetivo descrever a violência vivenciada na infância, a partir da história de adolescentes grávidas. Utilizou-se a história oral, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco adolescentes, com história de violência, residentes em uma cidade do interior da Bahia - Brasil, entre março e maio de 2011. Os dados foram organizados e categorizados segundo análise de conteúdo, gerando quatro categorias temáticas. Os resultados apontaram que a infância das adolescentes foi permeada pela vivência de violência, manifestada pela violência moral e psicológica, física, sexual e pela negligência. A análise das histórias das adolescentes permite refletir sobre a importância da sensibilização dos profissionais que atuam nos espaços da educação e da saúde, para reconhecer a vivência de violência doméstica e se articular em busca do enfrentamento da problemática.

**Descritor:** Violência Doméstica; Bem-Estar da Criança; Assistência Integral à Saúde; Maus-Tratos Infantis.

**ABSTRACT**

The present study had the aim to describe violence experienced during childhood through the story of pregnant adolescents. We used oral history, conducting semi-structured interviews with five adolescents with a history of violence, residents in a city in the state of Bahia, Brazil, between March and May, 2011. The data were organized and categorized according to content analysis, generating four thematic categories. The results indicate that the adolescent's childhood was permeated by violent experiences, expressed as negligence and moral, psychological, physical, and sexual violence. The analysis of these adolescent's stories led to a reflection about the importance of sensitizing professionals who work with education and health care so that they can recognize experiences of domestic violence and can articulate themselves so as to face up to the problem.

**Descriptors:** Domestic Violence; Child Welfare; Comprehensive Health Care; Child Abuse.

**RESUMEN**

El estudio tuvo como objetivo describir la violencia experimentada en la infancia mediante la historia de adolescentes embarazadas. Se utilizó la historia oral, habiéndose realizado entrevistas semiestruturadas con cinco adolescentes con historia de violencia, residentes en una ciudad del interior de Bahia, Brasil, entre marzo y mayo de 2011. Los datos fueron organizados y categorizados según análisis de contenido, generándose cuatro categorías temáticas. Los resultados expresaron que la infancia de las adolescentes resultó impregnada por la experiencia de violencia, manifestada como violencia moral y psicológica, física, sexual y por negligencia. El análisis de las historias de las adolescentes permite reflexionar sobre la importancia de la percepción de los profesionales actuantes en espacios educativos y de salud para reconocer la experiencia de violencia doméstica y articularse en búsqueda del afrontamiento de la problemática.

**Descriptor:** Violencia Doméstica; Bienestar del Niño; Atención Integral de Salud; Maltrato a los Niños.

## INTRODUÇÃO

O sistema familiar é responsável pelo processo de socialização e proteção da criança, sendo de fundamental importância para a formação da identidade e da forma como se relaciona socialmente<sup>(1)</sup>. As relações familiares desempenham um importante papel na mediação do funcionamento cognitivo e emocional de seus membros<sup>(2)</sup>. A família se estrutura hierarquicamente, ancorada em relações desiguais de poder, onde as crianças figuram como indivíduos dominados e explorados<sup>(3)</sup>, sendo a violência uma realidade muitas vezes presente no cotidiano familiar.

Entende-se por violência contra a criança e adolescente quaisquer atos ou omissões dos pais, parentes, responsáveis, instituições ou da sociedade em geral, que resultem em dano físico, emocional, sexual e moral a estas<sup>(4)</sup>. Em situação de violência doméstica, o referencial educativo e de proteção para a criança são comprometidos, acarretando prejuízos para o seu desenvolvimento<sup>(4-5)</sup>.

No mundo, cerca de 3.500 crianças e adolescentes morrem por ano em decorrência de violência física ou negligência. Estima-se 150 casos de abusos físicos por cada morte consequente de maus tratos em menores de 15 anos. De modo geral, calcula-se um coeficiente de mortalidade por maus-tratos de 2,2 por 100.000 meninas e de 1,8 por 100.000 meninos, sendo os principais perpetradores da violência o pai, mãe, padrasto, madrastas, outros parentes ou familiares adotivos. No âmbito nacional, as agressões são a primeira causa de morte de jovens de cinco a 19 anos de idade, sendo que a maioria dessas agressões advém do espaço doméstico<sup>(6)</sup>.

A violência representa uma experiência na vida da criança, podendo gerar problemas emocionais, psicológicos, cognitivos e sociais capazes de impactar fortemente no crescimento, desenvolvimento e na saúde ao longo de sua existência. Resulta ainda em altos custos econômicos para a sociedade<sup>(4,7)</sup>. Estudos mostram que crianças em situação de violência podem apresentar incapacidade de aprendizagem, dificuldade de construir e manter relações interpessoais, distúrbios de comportamento, tendência a desenvolver sintomas psicossomáticos<sup>(8-9)</sup>. As repercussões dessas experiências podem ser visualizadas na adolescência, como baixo rendimento ou evasão escolar, distúrbios de comportamento, depressão e a gravidez<sup>(8,10)</sup>.

Diante da vulnerabilidade de crianças e adolescentes para a vivência de violência e o impacto desta para a sua

vida, este estudo busca por uma melhor compreensão dessa realidade a fim de promover ações de prevenção e enfrentamento para essa problemática. Ações e serviços visando a promoção, proteção e recuperação da saúde de crianças e adolescentes foram preconizadas, desde 13 de julho de 1990, por meio da Lei nº 8.069, mais conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>(11)</sup>. Conforme esse dispositivo legal, se deve assegurar às crianças e adolescentes a integridade física, psíquica e moral e, portanto, uma vida livre de negligência, violência, opressão e discriminação. Partindo de tais expressões da violência, delineamos como objetivo de estudo descrever a violência vivenciada na infância por meio da história de vida de adolescentes grávidas.

## METODOLOGIA

Pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida com base no método da história oral. Tal método oportuniza aos indivíduos expressarem suas experiências, contribuindo para uma visão mais subjetiva da realidade<sup>(12)</sup> e para o entendimento das relações sociais.

O estudo foi realizado em um município do interior do Estado da Bahia, Brasil. As colaboradoras do estudo foram adolescentes grávidas com história de violência na infância, que realizavam acompanhamento pré-natal nas Unidades de Saúde da Família (USF) e no Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRESAM), identificadas a partir de um estudo mais abrangente, que identificou 34 adolescentes grávidas. A partir desse grupo, buscamos identificar aquelas que tinham vivenciado situações de violência doméstica. Para inclusão das adolescentes grávidas no presente estudo foi definido como critério de inclusão: ter vivenciado violência doméstica na infância.

O contato com as adolescentes, previamente identificadas, foi favorecido pela enfermeira da unidade, que nos informava o dia em que estas estavam agendadas. A aproximação com as mesmas se deu, portanto, no serviço de saúde, enquanto aguardavam atendimento.

Nesse período, nos apresentávamos enquanto pesquisadoras; as informava acerca do objetivo e relevância do estudo e esclarecia acerca das questões éticas a serem asseguradas, tais como o direito de decidir participar ou não do estudo, e de desistir em qualquer fase, sem que houvesse prejuízo na assistência no serviço, bem como de ter sua identidade preservada. Ao aceitarem participar do estudo, agendávamos dia e

horário disponível pela adolescente. Todas as adolescentes optaram pela coleta de dados em suas residências, sendo esta realizada em local da casa que garantisse a privacidade das mesmas. A opção pela entrevista em domicílio se deu também por assim facilitar o contato com o representante legal das adolescentes, que muitas vezes compareciam desacompanhadas às consultas.

Para participação no estudo foi solicitado ao responsável autorização para a participação das adolescentes e assinatura do TCLE. Assim, foram incluídas na pesquisa cinco adolescentes que atenderam ao critério, não houve recusa dos responsáveis legais para a participação no estudo.

A coleta de dados foi iniciada após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob protocolo nº 05/2011. Utilizou-se como técnica para coleta dos dados, a entrevista semiestruturada, contendo questões norteadoras fundamentadas na história oral de vivência de violência na infância por adolescentes grávidas.

As entrevistas foram realizadas por uma pesquisadora e gravadas, com o apoio de uma auxiliar de pesquisa que fazia anotações sobre lacunas nas falas das adolescentes, intervindo se achasse conveniente para a condução do aprofundamento das questões. A coleta de dados ocorreu entre os meses de março e maio de 2011.

Os resultados foram organizados e categorizados na perspectiva da análise temática de conteúdo<sup>(12)</sup>, obedecendo à classificação dos elementos constitutivos, seguido por reagrupamento, segundo a analogia. A identificação das unidades de análise foi realizada após a leitura flutuante e exaustiva das entrevistas, e agrupadas por semelhança de conteúdo<sup>(12)</sup>, considerando as formas de expressão da violência definidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>(11)</sup>. Posteriormente, realizou-se a decomposição dos discursos, o que resultou em um agrupamento por categoria.

A interpretação dos achados respaldou-se em textos científicos e dispositivos legais que tratam da temática violência contra a criança e adolescente.

Os dados oriundos das falas das adolescentes foram identificados com o uso de nomes fictícios, a letra E precedida de um número arábico.

## RESULTADOS

As colaboradoras do estudo se encontravam na faixa

etária entre 16 e 19 anos, eram negras, residiam com familiares e/ou companheiros e dependiam financeiramente destes e/ou do auxílio do município, por meio de programas sociais. Apenas uma adolescente continuava estudando, as demais abandonaram os estudos. Chama atenção que a maioria (quatro) já conviviam com o companheiro, sendo que uma já se encontrava separada.

A partir da história oral das adolescentes grávidas com história de violência na infância foi possível organizar os discursos em quatro categorias: violência moral e psicológica; violência física; violência sexual; violência por negligência.

### Violência moral e psicológica

O estudo mostra que a infância das colaboradoras foi permeada pela violência moral e psicológica, praticada pelos pais, conforme ilustram as falas:

*[...] Eram muitas humilhações. Até hoje, eu tenho sequelas psicológicas. Sempre meus pais passavam em minha cara o que eles fazem por mim. Isso já aconteceu comigo várias vezes. Desde quando eu me entendo por gente, eu não me acho uma pessoa importante. Eu agradeço a Deus por viver, mas eu não tenho aquela felicidade dentro de mim (E2).*

*Meu pai maltratava muito minha mãe e ela descarregava tudo o que sentia nos filhos. Quando a gente ia falar, ela descarregava tudo que sentia e começava a nos xingar (E1).*

*[...] Meus irmãos brigavam muito comigo. Qualquer coisa que acontecia em casa, a culpa era minha, vinham logo para cima de mim [...] tudo eles me batiam (E5).*

### Violência física

Observa-se a vivência de violência física na infância, sendo que na maioria dos relatos, a mãe desvela-se a principal agressora.

*Se eu fosse falar alguma coisa, eles (pai e mãe) me batia. Todo dia era uma surra. Eu sempre fui aquele tipo de pessoa que sofreu bastante. Eu apanhei bastante. Até hoje tenho sequelas psicológicas das pancadas e humilhações no meio de rua (E1).*

*Minha mãe é muito bruta [...] Tudo dela é gritando, xingando. Tudo dela é com pancada, com grito. Por isso que eu nunca fui de conversar com ela (E3).*

*Todo dia era uma surra. [...] se eu fosse falar alguma coisa, vinha um de lá e me batia. Se eu falasse qualquer*

*coisa que ela (mãe) visse que eu estava errada, ela vinha logo e me batia. Eu só me aguentando e todo dia uma surra (E5).*

### **Violência sexual**

A violência sexual, embora mencionada por apenas uma das entrevistadas, também se faz presente na infância e/ou adolescência, como é observada na fala a seguir:

*[...]Jeu estava dormindo e ele (pai) estava me bulindo, tirou minha roupa e colocou o negócio dele. Não chegou a me abusar sexualmente, não chegou a me penetrar, mas isso me causou um trauma. [...] por isso que eu fugi (E1).*

### **Violência por negligência**

O estudo revela que as adolescentes foram negligenciadas pela família e pelo Estado. As falas a seguir permitem melhor ilustrar como a negligência esteve presente na infância das entrevistadas, expressas pela falta de suporte familiar e das instituições governamentais que poderiam intervir no sentido de protegê-las:

*Ela (mãe) foi embora e me deixou com meu pai, aí eu fugi. [...] fiquei dormindo nas rodoviárias. Tentei me prostituir, mas não cheguei a fazer programa [...] (E1).*

*Quando eu nasci, minha mãe me deixou com meu pai. Ele se envolveu com a minha madrasta. Depois de um tempo, eles se separaram e meu pai me deixou com ela. Quando eu estava com sete anos, minha madrasta se envolveu com um homem [...]. De lá para cá, só passando dificuldades e humilhações. [...] eu era prisioneira: era de casa para escola, da escola para casa e só saía para fazer alguma obrigação na rua. Ela (madrasta) nunca me deixava brincar. [...] desde que me entendo como gente, eu não me acho importante (E2).*

*Perdi vários anos na escola [...] eu gostava muito de ficar fora da escola, conversando com as meninas [...] não ia para a sala de aula (E5).*

*Em relação aos estudos, não fui muito bem [...] Eu já sofri preconceito pelo fato da minha cor. Lá na escola, tinha mais meninas da pele branca e eu era a única escurinha [...] ninguém gostava de brincar comigo. Minha mãe tinha que ir, todos os dias, ao colégio conversar com a diretora. Eu não queria ir mais estudar. Era uma guerra para ir à escola (E3).*

## **DISCUSSÃO**

O estudo revelou que as adolescentes grávidas entrevistadas tiveram uma infância permeada pela violência moral, psicológica, física, sexual e por negligência por parte da família e do Estado.

A violência moral e psicológica, presentes no cotidiano das entrevistadas ainda quando crianças, foram expressas por humilhações e xingamentos. Entende-se por violência psicológica toda ação que coloca em risco ou causa dano à autoimagem, à identidade ou ao desenvolvimento da criança e do adolescente. Esse tipo de violência manifesta-se por meio de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, punições humilhantes ou utilização da criança ou do adolescente para atender às necessidades psíquicas de outrem. A violência moral, por sua vez, relaciona-se às calúnias, difamações e injúrias<sup>(4)</sup>. Outras pesquisas também relatam a vivência de violência psicológica e moral durante a infância e adolescência, inclusive, as percebem enquanto fator de risco para desenvolvimento de distúrbios de ansiedade, medo exacerbado, bulimia nervosa, depressão, estresse pós-traumático e distúrbios somáticos<sup>(2)</sup>.

As agressões físicas fizeram parte da criação das adolescentes, conforme desvelada em suas histórias. Estudo de revisão de literatura traz que apesar de todos os avanços no reconhecimento dos direitos da criança, a violência física e outras formas de abuso constituem, ainda, práticas comuns e até mesmo legitimadas pela sociedade como integrantes do processo de educação<sup>(12)</sup>. Neste contexto, a violência se configura a partir da reprodução de modelos familiares violentos. Pais que utilizam a punição como medida disciplinar mostram para os filhos que a violência consiste em uma forma apropriada de resolução de conflitos. Dessa forma, como não foram aprendidos outros modelos de relações familiares, homens e mulheres tendem a reproduzir a história de violência que eles mesmos viveram ainda na infância ou na adolescência<sup>(13-14)</sup>.

Estudos têm revelado que as mães são as principais agressoras<sup>(15-16)</sup>, assim como também identificado em nossos achados. No entanto, tal fato pode fazer relação com o aumento no contingente de mulheres chefes de família, com respectiva degradação da qualidade de vida e aumento da pobreza, bem como com os papéis socialmente atribuídos às mulheres, no tocante à educação dos filhos, baseados nas relações desiguais de gênero, que acabam por sobrecarregar as mulheres. Com isso, as cobranças sociais também recaem sobre as

mulheres, o que, muitas vezes, pode impulsionar a prática de violência por parte das mães para tentar manter a conduta dos seus filhos dentro dos padrões socialmente aceitáveis<sup>(14-17)</sup>.

O estudo revela ainda a vulnerabilidade de crianças e adolescentes à vivência de violência sexual por parte de familiares ou de pessoas ligadas à família. A violência sexual contra a criança é uma situação em que um sujeito em condições de superioridade causa danos sexuais à vítima contra a vontade dela, ou, até mesmo, após o seu consentimento, quando este for obtido por indução, sedução enganosa. A prática da violência sexual geralmente ocorre no domicílio da criança e é promovida por familiares ou por alguém próximo à família, sendo os padrastos e o pai, os principais perpetradores da violência sexual contra crianças<sup>(18)</sup>.

No que tange a negligência, esta se caracteriza pela omissão e significa deixar de prover as necessidades básicas para o desenvolvimento físico, emocional e social de crianças e adolescentes<sup>(4)</sup>. Com base na história oral das adolescentes, a negligência vivenciada na infância pôde ser expressar, por exemplo, pelo abandono por parte dos pais biológicos, pela ausência de cuidado, carinho e vínculo familiar. Percebe-se ainda que as necessidades lúdicas não foram observadas enquanto elemento essencial para seu desenvolvimento infanto-juvenil, expressa pela violação do direito da criança e adolescente de brincar. A família é importante na formação da identidade da criança e nos valores construídos, sobretudo a partir das relações e trocas afetivas. A inexistência desse vínculo familiar compromete o desenvolvimento psicoemocional e intelectual da criança<sup>(2)</sup>.

A proteção da família e/ou Estado para com a criança/adolescente foi preconizada pela Constituição Federal de 1988, através do artigo 227, que refere: "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde [...] além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão". A violação desses deveres pode culminar com prisão ou multa para os responsáveis, bem como, na perda da guarda da criança, quando se tratar de infrações cometidas pela família e/ou responsáveis<sup>(11)</sup>.

A história de E1 ilustra não só a negligência de familiares, mas também outras formas de violência. Aos oito anos de idade, E1 foi abandonada pela mãe, deixada com o pai, passou a sofrer abusos (psicológico, físico e

sexual) e fugiu de casa, passando a viver nas ruas. E1 não faz referência ao recebimento de assistência social através de acolhimento em abrigos e/ou acompanhamento pelo conselho tutelar na infância, o que mostra a possível omissão do Estado quanto às políticas de acolhimento à crianças moradoras de rua. Assim sendo, o estudo revela ainda que não houve ações governamentais que garantissem a proteção e cuidado de E1.

No caso de E3, a adolescente reconhece ter vivenciado o preconceito racial por parte dos colegas da escola, excluída das brincadeiras e resultando em evasões escolares. Podemos compreender o desafio que é para a criança e adolescente experienciar, em seu próprio espaço de convivência escolar, o sentimento de discriminação e não pertencimento àquele no grupo. A discriminação racial é uma representação da vivência de bullying na instituição escolar e a fala de E3 sinaliza para a omissão da escola no sentido de identificar e/ou coibir tais práticas de violência.

Corroborando a existência de bullying no meio escolar, pesquisa aponta que tais comportamentos são usualmente voltados para grupos com características físicas, socioeconômicas, de etnia e/ou de orientação sexual específicas<sup>(19)</sup>. Nota-se assim que o bullying tem raízes no preconceito racial, alicerçado no contexto sociocultural. A cor da pele é interpretada como inferioridade e transmitida de geração a geração. Outras pesquisas confirmam que os fatores socioeconômicos, como a baixa condição econômica e de escolaridade, e principalmente pessoas pertencentes à raça negra, constituem elementos associados à vivência de violência na infância<sup>(18,20)</sup>.

Outros estudos apontam relação entre evasão escolar e a negligência da família, apontando que a vivência de violência doméstica, independente das formas de expressão, física, sexual, moral, psicológica ou por negligência, representa um dos fatores preponderantes para a evasão escolar<sup>(8,10)</sup>. Neste contexto, a educação pode constituir um importante instrumento para o resgate ou o direcionamento das crianças e adolescentes negligenciados por suas famílias. No entanto, as escolas não têm desenvolvido de forma efetiva o seu papel de interventora junto às famílias.

As situações de negligência reveladas no nosso estudo violam o Estatuto da Criança e do Adolescente, que preconiza o direito da criança e do adolescente à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa<sup>(11)</sup>. Podemos dizer, portanto que houve omissão

do Estado quanto às políticas de atendimento à criança e ao adolescente. Deste modo, é preciso repensar sobre a estrutura excludente da escola e como tal estrutura precisa ser reconstruída para garantir não só o direito de acesso à educação, mas também a permanência e o êxito dos alunos de diferentes pertencimentos étnicos/raciais, sociais e econômicos<sup>(21)</sup>.

Muitos estudos indicam que os danos da violência podem repercutir para toda a vida dos envolvidos. A vivência de violência na infância pode comprometer o crescimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes, acarretando em evasão escolar e sofrimentos como angústia e ansiedade<sup>(8,20)</sup>. Pesquisa realizada em uma maternidade pública na cidade de Salvador, Bahia, Brasil, com 147 mulheres em internamento por abortamento induzido, sendo boa parte delas adolescentes, revelou que 88% das entrevistadas tinham história de violência, inclusive durante a infância, o que evidencia a relação entre vivência de violência e aborto<sup>(22)</sup>. Outra pesquisa sobre gravidez em adolescentes revela a vivência de violência como fator de risco para a gravidez<sup>(23)</sup>.

Desta forma, a situação de abuso na infância configura-se em eventos traumáticos e consiste enquanto violação dos limites pessoais, com impactos a curto e longo prazo na vida das pessoas. Essa experiência destrói as proteções internas dos indivíduos, os tornando vulneráveis. Além disso, esses eventos guardam relação direta com experiências devastadoras, ausência de apoio, dificuldade de contar o acontecido e, sobretudo, dificuldade de vislumbrar o fim do sofrimento<sup>(24)</sup>.

Quando praticada pela família, a violência contra a criança se constitui uma das mais perversas formas de expressão, uma vez que esta depende da estrutura familiar para seu desenvolvimento. O estudo sinaliza que algumas famílias deixam de exercer seu papel de proteção e passa a se tornar risco para o desenvolvimento da criança, como mostra nos relatos das adolescentes.

A família e o território domiciliar contêm hierarquias, nas quais os homens figuram como dominadores-exploradores e as crianças como os indivíduos mais dominados e explorados<sup>(3)</sup>. Embora a implementação do ECA, ainda há resquícios em nossa sociedade de que é normal e natural que homens maltratem suas mulheres, assim como que pais e mães maltratem seus filhos, sinalizando, deste modo, a cultura da violência. Esta se configura enquanto processo de dominação e

demonstração de poder que emergem da dinâmica familiar, sendo enraizada aos nossos pensamentos e comportamentos, alicerçadas culturalmente e transmitida de geração a geração<sup>(14)</sup>.

## CONCLUSÃO

A história oral de adolescentes grávidas mostrou que estas vivenciam uma infância marcada pela violência doméstica, expressa nas formas moral, psicológica, física, sexual e por negligência. Diante de tal vivência e da ausência de ações governamentais no sentido de protegê-las, o estudo revela ainda a negligência por parte do Estado. Tais achados desvelam a realidade da vivência de violência em adolescentes e sinalizam para a importância dos espaços de pré-natal no processo de reconhecimento de tal agravo e cuidado às adolescentes grávidas, o que se configura um diferencial em relação a outras pesquisas.

Embora o estudo tenha como limitação, a lacuna no que tange a relação entre a gravidez na adolescência e a vivência de violência na infância, acredita-se que tais achados revelam a magnitude da problemática e instiga ações políticas no sentido de prevenir o fenômeno. Aponta também para a necessidade de estudos que busquem conhecer as implicações da violência na infância para a saúde materno-infantil.

Sinaliza-se para a importância da investigação da violência doméstica pelos profissionais, sobretudo, àqueles que atuam nos espaços da educação e da saúde, pela maior facilidade de acesso às crianças e adolescentes. É preciso que estes profissionais, em especial as professoras do ensino fundamental e a enfermagem, por estar presente em todos os níveis de atenção à saúde, estejam sensíveis e atentos às falas e aos comportamentos das crianças e dos adolescentes, de modo que sejam capazes de reconhecer a vivência de violência doméstica e se articular em busca do enfrentamento da problemática.

Necessário ainda o cumprimento das políticas públicas com relação às práticas educacionais fundamentadas na promoção de uma cultura de paz, devendo se estimular a interação entre os setores da educação e da saúde. Nosso estudo com adolescentes grávidas mostrou que os cenários da escola e da saúde são estratégicos para a intervenção junto a este grupo, visto que estas se encontram em idade escolar e acompanhadas durante o pré-natal.

Esse contexto viabiliza o vínculo com educadores e profissionais de saúde, os quais, de forma integrada,

poderão favorecer espaços para que as adolescentes se sintam acolhidas e seguras para partilhar suas vivências, inclusive relacionadas aos conflitos familiares. No tocante a violência doméstica, estes profissionais são essenciais

para viabilizar o processo de desconstrução da ideia de educação dos filhos por meio da agressão física, preconizada pela Lei Menino Bernardo, aprovada pelo Plenário do Senado, aguardando sanção presidencial.

## REFERÊNCIAS

- Dessen MA, Oliveira MR. Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai "real" e "ideal" na perspectiva materna. *Psicol. Reflex. Crit.* [Internet] 2013 [acesso em: 30 set 2014];26(1):184-92. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000100020>.
- Teodoro MLM, Cardoso BM, Freitas ACH. Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.* [Internet] 2010 [acesso em: 30 set 2014];23(2):324-33. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000200015>.
- Pinto LW, Assis SG. Family and community violence of schoolchildren from the city of São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brazil. *Rev Bras Epidemiol* [Internet] 2013 [acesso em: 30 set 2014];16(2):288-300. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2013000200006>.
- Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2010 [acesso em: 30 set 2014]. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha\\_cuidado\\_criancas\\_familias\\_violencias.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_criancas_familias_violencias.pdf).
- Lourenco LM, Baptista MN, Senra LX, Almeida AA, Basilio C, Bhone FMC. Consequences of Exposure to Domestic Violence for Children: A Systematic Review of the Literature. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [Internet] 2013 [acesso em: 30 set 2014];23(55):263-71. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272355201314>.
- Martins CBG. Maus tratos contra crianças e adolescentes. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2010 [acesso em: 30 set 2014];63(4):660-5. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672010000400024>.
- Peláez Mendoza J, Juncal Hernández V. Abuso sexual en niñas y adolescentes: Experiencias de 10 años. *Rev Cubana Obstet Ginecol* [Internet]. 2009 [acesso em: 30 set 2014];35(1). Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0138-600X2009000100006&lng=pt&nrm=iso&tng=es](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0138-600X2009000100006&lng=pt&nrm=iso&tng=es).
- Mombelli MA, Costa JB, Marcon SS, Moura CB. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco de stress infantil. *Estud. psicol. (Campinas)* [Internet]. 2011 [acesso em: 30 set 2014];28(3):327-35. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2011000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000300004).
- Abranches CD, Assis SG. A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cad Saude Publica* [Internet]. 2011 [acesso em: 30 set 2014];27(5):843-54. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500003>.
- Eymann A, Busaniche J, Llera J, Cunto CC. Impact of divorce on the quality of life in school-age children. *J Pediatr (Rio J)* [Internet]. 2009 [acesso em: 30 set 2014];85(6):547-52. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2223/JPED.1958>.
- Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BR) [Internet]. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 16 jul. 1990 [acesso em: 30 set 2014]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm).
- Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009. 281 p.
- Ricas J, Donoso MTV. Aspectos históricos da educação no Brasil versus violência física na infância: reflexões. *Rev Med Minas Gerais* [Internet]. 2010 [acesso em: 30 set 2014];20(2):212-7. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/315>.
- Gomes NP, Erdmann AL, Carneiro JB, Paixão GPN, Santos JAS, Bettinelli LA. Profissionais de saúde significando a permanência da mulher na relação de violência conjugal. *Rev. RENE.* [Internet]. 2013 [acesso em: 30 set 2014];14(3):558-67. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1130>.
- Mota RS, Santos MM, Rodrigues AD, Camargo CL, Gomes NP, Diniz NMF. Perfil de adolescentes grávidas com história de violência doméstica. *Rev. RENE.* [Internet]. 2013 [acesso em: 30 set 2014];14(2):385-93. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1083>.
- Apostólico MR, Nóbrega CR, Guedes RN, Fonseca RMGS, Egrý EY. Characteristics of violence against children in a Brazilian Capital. *Rev Lat Am Enfermagem* [Internet] 2012 [acesso em: 30 set 2014];20(2):266-73. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692012000200008>.
- Bittar DB, Nakano AMS, Silva MAI, Roque EMST. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes na percepção de mães agressoras. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]. 2012 [acesso em: 30 set 2014];14(4):771-8. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v14i4.15739>.
- Guimaraes JATL, Villela WV. Características da violência física e sexual contra crianças e adolescentes atendidos no IML de Maceió, Alagoas, Brasil. *Cad Saude Publica* [Internet] 2011 [acesso em: 30 set 2014];27(8):1647-53. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000800019>.
- Antunes DC, Zuin AAS. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicol. Soc.* [Internet]. 2008 [acesso em: 30 set 2014];20(1):33-41. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>.
- Pierantoni LMM, Cabral IE. Crianças em situação de violência de um ambulatório do Rio de Janeiro: conhecendo seu perfil. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2009 [acesso em: 30 set 2014];13(4):699-707. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452009000400003>.
- Abreu DCL. A escolarização dos negros e suas fontes de pesquisa. *Revista HISTEDBR On-line* [Internet]. 2011 [acesso em: 30 set 2014];11(42):235-48. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/article/view/3310>.
- Diniz NMF, Gesteira SMA, Lopes RLM, Mota RS, Pérez BAG, Gomes NP. Aborto provocado e violência doméstica entre mulheres atendidas em uma maternidade pública de Salvador-BA. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2011 [acesso em: 30 set 2014];64(6):1010-5. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672011000600004>.
- Oliveira-Monteiro NR, Negri M, Fernandes AO, Nascimento JOG, Montesano FT. Gravidez e maternidade de adolescentes: fatores de risco e de proteção. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.* [Internet]. 2011 [acesso em: 30 set 2014];21(2):198-209. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822011000200003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822011000200003&script=sci_arttext).
- Gomes NP, Diniz NMF, Gesteira SMA, Paixão GPN, Couto TM. Vivência e repercussões da violência conjugal: o discurso feminino. *Rev. enferm. UERJ.* [Internet]. 2012 [acesso em: 30 set 2014]; 20(esp 1):585-90. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/5805>

Artigo recebido em 17/01/2013.

Aprovado para publicação em 16/05/2014.

Artigo publicado em 30/09/2014.